



Ciências Humanas: Características Práticas, Teóricas e Subjetivas

**Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos
(Organizadores)**

Atena
Editora
Ano 2019



Ciências Humanas: Características Práticas, Teóricas e Subjetivas

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos
(Organizadores)

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof^a Dr^a Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Sandra Regina Gardacho Pietrobom – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof^a Dr^a Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof^a Dr^a Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof^a Dr^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
C569	Ciências humanas [recurso eletrônico] : características práticas, teóricas e subjetivas / Organizadores Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos, Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Ciências humanas: características práticas, teóricas e subjetivas; v. 1) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-884-7 DOI 10.22533/at.ed.847192312 1. Ciências humanas – Pesquisa – Brasil. I. Vasconcelos, Adaylson Wagner Sousa de. II. Thamires Nayara Sousa de. III. Série. CDD 301
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Ciências Humanas: características práticas, teóricas e subjetivas – Vol. I, coletânea de vinte e oito capítulos que une pesquisadores de diversas instituições, corresponde a obra que discute temáticas que circundam a grande área das Humanidades.

As colaborações aqui congregadas abordam contribuições que dialogam com a vasta área das Humanidades. Assim, sendo, optamos por promover um recorte primeiro a partir de dois grandes eixos: o primeiro é a educação, o segundo é o exercício das práticas religiosas e sua interação sagrado e profano.

Realizada essa observação, propomos aos leitores um exercício de diálogo com os capítulos que compõem a presente obra. Temos, inicialmente, a abordagem sobre a educação na realidade mexicana. De imediato, e sequenciado, a legislação pátria para o tema da educação é recordada, bem como as políticas públicas oportunas. Em movimento sequenciado, há textos que versam sobre administração escolar, metodologias da aprendizagem, processo educativo, aprendizagem por meio de jogos didáticos, práxis docente, desenvolvimento infantil, educação ambiental, educação infantil, a inclusão de crianças indígenas em ambiente escolar não indígena, livro didático, sequência didática, formação humana, saúde e formação acadêmica, formação docente na realidade de sujeitos surdos, estágio supervisionado e o papel da monitoria.

Alcançando o segundo momento, temos a busca pelo diálogo inter-religioso, a devoção e a realidade vivenciada em São Gonçalo do Amarante, além da festa e religiosidade em Maringá.

Tenham proveitosas leituras!

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
LA OTRA EDUCACIÓN: EDUCAÇÃO E AUTONOMIA NO TERRITÓRIO ZAPATISTA EM CHIAPAS, MÉXICO Aiano Bemfica Mineiro DOI 10.22533/at.ed.8471923121	
CAPÍTULO 2	14
REFRAÇÃO POLÍTICA, POLÍTICAS PÚBLICAS E LEGISLAÇÃO EDUCACIONAL NO BRASIL: O INÍCIO DE UMA LONGA DISCUSSÃO Pablo Silva Machado Bispo dos Santos DOI 10.22533/at.ed.8471923122	
CAPÍTULO 3	22
CONTRA-REFORMA NO ESTADO: OS DESAFIOS NA ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR Ana Paula Oliveira Silva de Fernández Ana Paula Nunes Daniela Elis Dondossola Pedro Henrique Giroto Ribeiro DOI 10.22533/at.ed.8471923123	
CAPÍTULO 4	30
METODOLOGIAS ATIVAS X METODOLOGIAS TRADICIONAIS: IMPORTÂNCIA NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM Samuel Alves da Silva Beatriz Paiva Rocha Claísa Andréa Freitas Rabelo Ashley Brito Valentim Chrisley de Lima Rocha Mateus Barbosa Tavares Renata Carmo de Assis DOI 10.22533/at.ed.8471923124	
CAPÍTULO 5	36
MAPEANDO OS FATORES MOTIVACIONAIS QUE INFLUENCIAM NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM: CINCO CATEGORIAS PARA REFLETIR SOBRE O PROCESSO EDUCATIVO Ivana Caldeira Siqueira Rafael Montoito Teixeira DOI 10.22533/at.ed.8471923125	
CAPÍTULO 6	57
AVALIAÇÃO DA MOTIVAÇÃO PARA APRENDIZAGEM ATRAVÉS DA UTILIZAÇÃO DE JOGOS DIDÁTICOS NO SMARTPHONE PARA O ENSINO DE QUÍMICA NO ENSINO FUNDAMENTAL Janine Heckler da Cunha Fernando Junges DOI 10.22533/at.ed.8471923126	
CAPÍTULO 7	64
ALIENAÇÃO E A PRÁXIS DOCENTE: ANÁLISES A PARTIR DAS ESCOLAS ESTADUAIS DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL Thayná Costa Marques	

DOI 10.22533/at.ed.8471923127

CAPÍTULO 8 69

DESENVOLVIMENTO INFANTIL, PSICOMOTRICIDADE E ASPECTOS PSICOSSOCIAIS NA ESCOLA:
RELATO DE EXPERIÊNCIA

Silvia Helena de Amorim Martins
Ana Luísa Leite Lima
Francisca Bertilia Chaves Costa
Sabrina Serra Matos
Luiza Valeska de Mesquita Martins
Ana Maria Fontenelle Catrib

DOI 10.22533/at.ed.8471923128

CAPÍTULO 9 77

EDUCAÇÃO AMBIENTAL: OFICINA DE REGADORES RECICLÁVEIS COM ALUNOS DA EDUCAÇÃO
INFANTIL

Karine Kévine da Rocha Sousa
Cláudia Jane Pinto Gomes
Robson Rabelo Rangel
Karyna Régia Teles Alves

DOI 10.22533/at.ed.8471923129

CAPÍTULO 10 82

EXPERIÊNCIA COM ARTE: APRENDIZAGEM DIALÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Andréia Oliveira Ferreira dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.84719231210

CAPÍTULO 11 96

A INSERÇÃO DE CRIANÇAS INDÍGENAS EM UM CONTEXTO ESCOLAR NÃO INDÍGENA

Clotildes Martins Morais
Antonio Dari Ramos
Maristela Aquino Insfram
Cajetano Vera
Obonyo Meireles Guerra

DOI 10.22533/at.ed.84719231211

CAPÍTULO 12 107

UM RETRATO DO INDÍGENA NO LIVRO DIDÁTICO: UMA ABORDAGEM A PARTIR DA NOÇÃO DE
'ESTRUTURA DE SENTIMENTO' DE RAYMOND WILLIAMS

Nádia Narcisa de Brito Santos
Isaíde Bandeira da Silva
José Petrucio de Farias Júnior

DOI 10.22533/at.ed.84719231212

CAPÍTULO 13 120

SEQUÊNCIA DIDÁTICA SOBRE A ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL PARA AS SÉRIES FINAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL

Simone Vilhalva Dering
Maikel da Silva Ferreira Luiz
Antonio Sales

DOI 10.22533/at.ed.84719231213

CAPÍTULO 14 137

A FORMAÇÃO HUMANA E PROFISSIONAL: UM OLHAR A PARTIR DE FOUCAULT SOBRE AS UNIVERSIDADES CORPORATIVAS DO SÉCULO XXI

Luiz Alberto Borcsik
Carlos Roberto da Silveira

DOI 10.22533/at.ed.84719231214

CAPÍTULO 15 150

BASES FILOSÓFICAS DAS PSICOLOGIAS HUMANISTAS, FENOMENOLÓGICAS E EXISTENCIALISTAS: A IMPORTÂNCIA NA FORMAÇÃO DE PSICOTERAPEUTAS INICIANTES

Milena Pinheiro Duarte
Mayara Rocha Coelho
Layza Castelo Branco Mendes

DOI 10.22533/at.ed.84719231215

CAPÍTULO 16 161

FORMAÇÃO ACADÊMICA E SAÚDE MENTAL: PANORAMA DOS DISCENTES DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ

Milena Pinheiro Duarte
Layza Castelo Branco Mendes

DOI 10.22533/at.ed.84719231216

CAPÍTULO 17 171

O SENTIDO DE VIDA E A EDUCAÇÃO PARA A SAÚDE DE PACIENTES ONCOLÓGICOS

Noely Cibeli dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.84719231217

CAPÍTULO 18 179

FORMAÇÃO DOCENTE E EDUCAÇÃO BILÍNGUE PARA SURDOS: REFLEXÕES INICIAIS

Claudeth da Silva Lemos
Daniele Cariolano da Silva
Francisco Tiago Ribeiro Silva
Maria Wesla Nogueira da Silva
Suziane Cristina da Silva Ferreira
Venícius de Sousa Lima

DOI 10.22533/at.ed.84719231218

CAPÍTULO 19 185

EDUCAÇÃO BILÍNGUE PARA SURDOS: PERCEPÇÕES E REFLEXÕES DISCENTES

Claudeth da Silva Lemos
Daniele Cariolano da Silva
Francisco Tiago Ribeiro Silva
Maria Wesla Nogueira da Silva
Suziane Cristina da Silva Ferreira
Venícius de Sousa Lima

DOI 10.22533/at.ed.84719231219

CAPÍTULO 20 190

O ESTÁGIO SUPERVISIONADO E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DO PEDAGOGO

André Leandro dos Santos Pereira
Michelline da Silva Nogueira
Maria socorro Lucena Lima

DOI 10.22533/at.ed.84719231220

CAPÍTULO 21	199
MONITORIA EM DIDÁTICA: RELATO DE EXPERIÊNCIA NA FORMAÇÃO DOCENTE	
Eliane Rodrigues Martins	
Maria Evilene da Silva	
Geandra Claudia Silva Santos	
DOI 10.22533/at.ed.84719231221	
CAPÍTULO 22	207
A EXPERIÊNCIA DA MONITORIA COMO ESPAÇO FORMATIVO	
Laíssa Mulato Moreira Lima	
Tânia Maria de Sousa França	
DOI 10.22533/at.ed.84719231222	
CAPÍTULO 23	213
OS MISSIONEIROS: ARTE, PATRIMÔNIO E (RE)CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE REGIONAL	
Rodrigo Miguel de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.84719231223	
CAPÍTULO 24	226
O RITO <i>REAHU</i> (FESTA) DO POVO CUJO TERRA NÃO RECEBE SEUS MORTOS; RECINTO DE DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO	
Mary Agnes Njeri Mwangi	
DOI 10.22533/at.ed.84719231224	
CAPÍTULO 25	234
O SAGRADO E O PROFANO NA DEVOÇÃO E DANÇA A SÃO GONÇALO DE AMARANTE	
Joana Paula Silva Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.84719231225	
CAPÍTULO 26	247
FESTA E RELIGIOSIDADE: REFLEXÕES ACERCA DO HALLEL (MARINGÁ-PR, 1995-2018)	
Mariane Rosa Emerenciano da Silva	
Vanda Fortuna Serafim	
DOI 10.22533/at.ed.84719231226	
CAPÍTULO 27	260
A GESTÃO DA UNIDADE DE INFORMAÇÃO PROCESSOS DE OBRA PARTICULARES NOS MUNICÍPIOS DA REGIÃO DO ALENTEJO	
Paulo Batista	
DOI 10.22533/at.ed.84719231227	
SOBRE OS ORGANIZADORES	271
ÍNDICE REMISSIVO	272

A INSERÇÃO DE CRIANÇAS INDÍGENAS EM UM CONTEXTO ESCOLAR NÃO INDÍGENA

Clotildes Martins Morais

Universidade Federal da Grande Dourados,
Faculdade de Ciências Humanas
Dourados-Mato Grosso do Sul

Antonio Dari Ramos

Universidade Federal da Grande Dourados,
Faculdade de Ciências Humanas
Dourados-Mato Grosso do Sul

Maristela Aquino Infram

Universidade Federal da Grande Dourados,
Faculdade de Ciências Humanas
Dourados-Mato Grosso do Sul

Cajetano Vera

Secretaria Municipal de Educação
Dourados- Mato Grosso do Sul

Obonyo Meireles Guerra

Universidade Federal da Grande Dourados,
Faculdade de Ciências Humanas
Dourados-Mato Grosso do Sul

RESUMO: Este artigo aponta reflexões e discussões elencadas a partir da realização de um trabalho etnográfico, sobre a sociabilidade de crianças indígenas, inseridas em um contexto escolar não indígena. A pesquisa refere-se a um “estudo de caso”, tendo como protagonistas, crianças indígenas das etnias guarani e kaiowá, cursando as séries iniciais do ensino fundamental, em uma escola não indígena,

da rede municipal de ensino de Dourados/MS. A partir da observação participante no cotidiano escolar, buscou-se interpretar as teias de relações estabelecidas entre estudantes indígenas, estudantes não indígenas, professores, gestores e demais funcionários da escola, com o intuito de perceber se as diferenças culturais coexistente no ambiente escolar, refletem ou não no processo de ensino e aprendizagem das crianças indígenas. A partir da realização da pesquisa, constatou-se que o contato das crianças indígenas com um ambiente escolar, cuja cultura é diferenciada da sua, influencia tanto na sua interação quanto na sua aprendizagem. Com as reflexões propostas neste trabalho, esperamos contribuir para a construção de um modelo de educação escolar intercultural, pautada no respeito e na valorização das diferentes culturas coexistente nas escolas do nosso contexto local e da nossa sociedade em geral.

PALAVRAS-CHAVE: sociabilidade, interculturalidade, kaiowá, guarani, aprendizagem.

THE INSERTION OF INDIGENOUS CHILDREN IN A NON-INDIGENOUS SCHOOL CONTEXT

ABSTRACT: This article points out reflections and discussions based on ethnographic work on the sociability of indigenous children, inserted in a non-indigenous school context. The research refers to a “case study”, whose protagonists are indigenous children of Guarani and Kaiowá ethnic groups, attending the initial grades of elementary school, in a non-indigenous school, of the municipal school system of Dourados / MS. From the participant observation in the school daily, we sought to interpret the relationships established between indigenous students, non-indigenous students, teachers, managers and other school staff, in order to understand if the coexisting cultural differences in the school environment reflect or not in the process of teaching and learning of indigenous children. From the research, we conclude that the contact of indigenous children with a non-indigenous school, whose culture is different from their own, influences both their interaction and their learning. With the reflections proposed in this paper, we hope to contribute to the construction of a model of intercultural school education, based on respect and appreciation of the different cultures that coexist in the schools of our local context and our society in general.

KEYWORDS: sociability, interculturality, kaiowá, guarani, learning.

1 | INTRODUÇÃO

Na cidade de Dourados/MS, observa-se a presença de uma população indígena, etnicamente diferenciada. Muitas famílias indígenas vivem em aldeias, áreas de retomadas/assentamentos ou na zona urbana da cidade. Frente ao contexto educacional, verifica-se, que nas comunidades indígenas, existem diversas escolas que oferecem a educação escolar indígena, voltada para o atendimento das particularidades culturais dos indígenas, contudo, muitas famílias que vivem nas aldeias, têm procurado matricular os seus filhos, em escolas não indígenas, localizadas na zona urbana da cidade.

Atuando como profissional da educação, tive a oportunidade de trabalhar em uma escola não indígena, onde estudavam também, alunos indígenas. Chamou-me a atenção a forma como os alunos indígenas e não indígenas se relacionavam. No contexto escolar não existia uma relação de afetividade e socialização em nenhum momento, os alunos formavam grupos isolados, ou seja, os alunos indígenas somente se agrupavam com indígenas e alunos não indígenas, se relacionavam, somente entre si.

Frente ao trabalho pedagógico, os professores, que eram todos não indígenas, demonstravam não compreender a oralidade e a escrita dos alunos indígenas, assim como, os alunos indígenas não compreendiam as orientações dos professores. No cotidiano escolar, os alunos indígenas eram rotulados como “relaxados e “desorganizados”, porque na visão dos professores, os indígenas não tinham organização e higiene com os seus

materiais escolares.

As famílias dos alunos indígenas, eram consideradas negligentes, porque não acompanhavam os alunos nas tarefas, na organização dos materiais escolares e na higiene física das crianças. Diante deste cenário escolar, a maioria dos alunos indígenas se evadiam da escola no decorrer do ano letivo e diante disto, a escola simplesmente atribuía o conceito “desistente” ou “reprovado por faltas”, aos alunos indígenas no final do ano letivo.

As questões de marginalização e discriminação coexistentes em diferentes espaços escolares nos levam a refletir sobre algumas questões: Como a escola tem trabalhado as diferenças culturais dos alunos? Como os alunos indígenas, se veem e são vistos, inseridos em uma escola não indígena? Quais os motivos que levam as famílias indígenas a matricular seus filhos em escolas não indígenas?

Ramos e Knapp (2013), nos afirmam que “é somente no âmbito de uma ética intercultural que se poderão realizar as análises dos conflitos inter e intraculturais. [...], tendo em vista que a globalização põe em contato grupos e pessoas com escalas valorativas bastante discordantes, ao final, o desafio é um só: fazer com que a interculturalidade dê conta de, via compreensão do outro, minimizar as assimetrias entre grupos e pessoas, tanto na escala global quanto local”.

As situações vivenciadas, em diferentes contextos escolares, envolvendo estudantes indígenas e não indígenas, me levaram a pesquisar sobre a sociabilidade de crianças indígenas, inseridas em uma escola não indígena.

2 | APRESENTANDO A PESQUISA

A pesquisa foi realizada numa escola da rede municipal de ensino de Dourados, cujos interlocutores foram estudantes indígenas, cursando as séries iniciais do ensino fundamental. A partir do trabalho etnográfico, buscou-se observar, refletir, descrever e interpretar, as teias de relações estabelecidas entre os estudantes indígenas, com os estudantes não indígenas, com os professores, gestores e demais funcionários, no cotidiano escolar, como forma de perceber se as diferenças culturais existentes no contexto escolar, interferem ou não, na interação e na aprendizagem dos estudantes indígenas, protagonistas da pesquisa.

Para alcançar os objetivos da pesquisa, nos apropriamos do método etnográfico. A observação participante e a pesquisa documental, foram de fundamental importância para a compreensão dos fenômenos socioculturais coexistentes no cotidiano escolar. Como fundamentação teórica, nos apropriamos dos estudos de pesquisadores.

A partir do trabalho de campo, procuramos interpretar a maneira como os estudantes indígenas se socializam no contexto escolar, assim como, evidenciar os possíveis desafios que a escola enfrenta para conduzir o processo de ensino e aprendizagem de estudantes

com diferentes culturas, inseridos no mesmo espaço escolar. Por se tratar de um trabalho etnográfico, cujos principais interlocutores, são crianças, para alcançar os objetivos pretendidos na pesquisa, em diferentes momentos da pesquisa, propomos atividades e metodologias a partir de brincadeiras, jogos, desenhos, pinturas, música, dança, etc.

Para contemplar os objetivos da pesquisa, foi de fundamental importância estabelecer uma relação dialógica com a comunidade escolar interna e externa, ou seja, uma interação com os estudantes, professores, gestores, pais e demais funcionários da escola. Neste sentido, com a colaboração das coordenadoras pedagógicas e da diretora da escola, antes de iniciar a observação participante, no cotidiano escolar, foi feito um plano de ação, com atividades e metodologias de pesquisa diferenciadas, envolvendo: conversas informais, questionários semiestruturados, análise de documentos, observação participante nas salas de aulas e em outros espaços da escola, desenvolvimento de atividades lúdicas e visitas na comunidade indígena, onde vivem os estudantes indígenas, interlocutores da pesquisa.

Com as discussões e reflexões, elencadas neste trabalho, esperamos contribuir para desconstrução dos estereótipos sociais que historicamente são atribuídos à população indígena, assim como, contribuir para a efetivação de projetos educacionais, comprometidos com o respeito e a valorização cultural dos diferentes grupos étnicos que lutam pelo reconhecimento da sua identidade cultural.

Ao se propor reflexões sobre a inserção das crianças indígenas, em escolas não indígenas é de suma importância fazer uma contextualização sociocultural da Reserva Indígena de Dourados (RID), espaço onde vivem a maioria das crianças indígenas, interlocutores da pesquisa.

A Reserva Indígena de Dourados é formada pelas aldeias Bororó, Jaguapiru e Panambizinho. É considerada o segundo maior contingente populacional indígenas do país, com cerca de 18 mil indígenas, ocupando uma área de 3.500 hectares (BENEDETTI, 2013). Nas aldeias indígenas, a divisão de lotes por família é desigual. Poucas famílias, detêm uma grande parte do territorial da reserva indígena, enquanto que a maioria da população indígena, possuem apenas um pequeno pedaço de terra, somente para moradia, não havendo espaço para produção de alimentos para a sua sustentabilidade. Devido ao aumento populacional, os indígenas vivem em condições de vulnerabilidade social, falta moradia, água tratada, alimentos e também, vagas nas escolas das aldeias para atender a demanda de alunos indígenas, em fase de escolarização, que lá vivem.

Em relação ao contexto educacional, existem na Reserva Indígena, seis escolas indígenas: Escola Municipal Indígena Tengatuí Maracatu, Escola Municipal Indígena Araporã, Escola Municipal Indígena Agostinho, Escola Municipal Indígena Ramão Martins, Escola Municipal Indígena Lacu” y Isnard e Escola Municipal Indígena Pay” Chiquito. Nestas escolas, estudam alunos de três etnias: Kaiowá, Nhandéva e Terena. São cerca de 3.500 alunos, matriculados no Ensino Fundamental e Médio. Os professores

são majoritariamente, indígenas, falantes da língua materna. No currículo escolar, são oferecidas disciplinas da Base Nacional Comum, assim como, disciplinas que atendem as particularidades da cultura indígena.

Observa-se, que mesmo havendo nas aldeias, diversas escolas indígenas, muitos alunos indígenas estudam em escolas não indígenas. As famílias indígenas, percorrem diariamente, cerca de dez ou mais quilômetros de distância, a pé ou de bicicleta, para levarem seus filhos, em escolas não indígenas, localizadas na zona urbana da cidade. Na pesquisa procuramos interpretar os motivos que levam as famílias indígenas a matricular seus filhos em escolas não indígenas, localizadas tão distante de suas moradias.

3 | OS DIFERENTES PROCESSOS DE SOCIABILIDADE DAS CRIANÇAS INDÍGENAS E NÃO INDÍGENAS

Em diferentes momentos histórico, a construção da sociedade brasileira, sempre esteve marcada pela ação do colonialismo, da globalização e das políticas neoliberais, a partir de ideários que afetaram e ainda afetam a vida de pessoas com características socioculturais diferenciadas, que lutam contra diferentes formas de exclusão social, convivendo em um contexto social etnocêntrico. A questão multicultural, foi um dos elementos determinantes frente à construção de diversas propostas educacionais, que se formulou em diferentes momentos históricos em nossa sociedade, tendo em vista que, ideologicamente, buscou-se justificar a desigualdade social em relação à diferentes grupos étnicos, que resistiram à dominação dos colonizadores.

Oliveira (2002), concebe as representações sociais, enquanto processo de significação histórica, resultantes de um conjunto de relações de poder, que são capazes de produzir e reproduzir identidade sobre o outro, que possibilita a discriminação e a marginalização de alguns grupos, como é o caso dos povos indígenas. No processo de construção humana é inevitável a convivência e a sociabilidade entre os diferentes grupos sociais, que estão sempre em busca da igualdade de direitos.

Interpretar o processo de sociabilidade de crianças indígenas e não indígenas, nos remete a refletir sobre os diferentes aspectos culturais dos grupos em que elas estão inseridas. A aquisição de conhecimento se constrói a partir das relações estabelecidas em diferentes espaços sociais, como na família, na religião, na política, no mercado de trabalho, através das mídias e principalmente na instituição escolar, onde os estudantes manifestam os seus valores éticos, morais e sociais.

Candau, (2002), afirma que as teias de relações construídas entre grupos com diferentes culturas, são marcadas violentamente por representações sociais, que sustentam o ideário dos grupos dominantes, que marginalizam de forma física e ideológica, as minorias, através da negação de sua alteridade.

A família, sempre foi a base dos processos de sociabilidade, tanto na cultura

indígenas, quanto na cultura não indígena, contudo, frente ao processo de formação pessoal, as teias de relações estabelecidas entre diferentes grupos, são determinantes para a construção da identidade pessoal e social.

A socialização primária é a primeira socialização que o indivíduo experimenta na infância e em virtude da qual torna-se membro da sociedade. A socialização secundária é qualquer processo subsequente que introduz um indivíduo já socializado em novos setores do mundo objetivo a sua volta (BERGER; LUCKMANN, 1987).

Na cultura não indígena, percebemos que devido a necessidade de inserção e de sobrevivência das famílias no modelo social vigente, o processo de sociabilidade da criança, na maioria das famílias, está sendo deixada sob a responsabilidade de prestadores de serviços, tais como, babás, creches, escolinhas ou hotelzinhos. O cuidar e o educar das crianças, tem sido, um projeto voltado mais para a sustentação dos princípios do capitalismo, do que para a construção de uma identidade humana, com base nos princípios éticos e morais das famílias, pois estas, constituem-se cada vez mais, ausentes da educação e da vida das crianças.

Na cultura indígena, apesar de todas as dificuldades enfrentadas, em relação às necessidades básicas de sobrevivência, ao qual os povos indígenas, historicamente foram submetidos, como moradia, alimentação, trabalho, saúde e segurança, percebemos que as tradições culturais se mantêm bastante presente nas famílias e nas comunidades indígenas. A primeira educação ou socialização da criança indígena se dá no seio da família e/ou da parentela, onde o conhecimento é transmitido dos mais velhos, para os mais novos, a partir da observação e do fazer prático, no cotidiano familiar e social.

A cultura indígena é ensinada e aprendida a partir de uma socialização integrante, onde os educadores são as famílias e os membros mais velhos da comunidade, que se utilizam da vida prática, para transmitir o conhecimento para os mais novos (...) a educação indígena, acontece de forma natural no cotidiano das famílias e dos grupos, como forma de atender às necessidades do coletivo (MELIÀ, 2008).

Interpretar a diferença cultural, existente no contexto de uma escola, onde os estudantes indígenas são a minoria, faz-se necessário uma interpretação crítica dos diferentes elementos culturais presente no comportamento dos estudantes indígenas e dos não indígenas, inseridos no mesmo espaço escolar.

Em nossa perspectiva, a diferença, não constitui uma forma de emancipação cultural ou a substituição de uma determinada cultura, por outra. A categoria diferença, é interpretada enquanto princípio fundamental, para a construção de uma sociedade democrática, justa e humana. Neste sentido, para o desenvolvimento da pesquisa fez-se necessário, a construção de uma relação dialógica e democrática, levando em consideração as diferenças culturais de todos os estudantes, manifestadas nas falas, nos olhares, nos desenhos, nas mensagens escritas, nas brincadeiras, nos silêncios, enfim, nas diversas formas de ser e viver das crianças indígenas e não indígenas.

Ao discutir sobre a sociabilidade e sobre a aprendizagem das crianças indígenas e não indígenas, inseridas em um mesmo contexto escolar, procuramos refletir sobre o conceito de “criança”, na ótica da cultura indígena e também da cultura não indígena, como forma de interpretar as diferentes manifestações comportamentais das crianças no espaço escolar.

Kramer (2006) afirma que dependendo do tipo de organização social, as crianças assumem diferentes papéis nos grupos em que estão inseridos. O conceito que temos hoje de infância e de criança, é fruto da educação de uma sociedade, que ao longo do processo histórico, sempre esteve baseada em um modelo capitalista, urbano-industrial. Na cultura não indígena, a visão que se tem da criança, é que a criança passa por etapas de desenvolvimento físico, psicológico e intelectual, que as impedem de terem autonomia para realização de determinadas atividades, pois elas são indefesas e incapazes sendo que, a responsabilidade e a educação das crianças, estão pautadas nas perspectivas dos adultos.

O Estatuto da Criança e do Adolescente conceitua como criança, os indivíduos de zero até os doze anos e onze meses de idade, porém, cabe nos refletir sobre tal conceito, estabelecido na legislação visto que, em nossa sociedade, existem diferentes grupos étnicos, com aspectos culturais e modos de vida, bastante diferenciados, como é o caso dos povos indígenas.

As crianças kaiowá e guarani acompanham as suas mães em todos os espaços por elas frequentados, ajudando-as nas diferentes atividades por elas desenvolvidas, ou seja, nas conversas informais, nas visitas a parentes e nas atividades do cotidiano como: cuidar de animais, buscar água, coletar lenha, plantações de alimentos, etc. O mundo da criança, não se dissocia do mundo do adulto, as crianças aprendem a fazer a partir da oralidade, da observação e da prática com o adulto, tornando-se bastante independentes e autônomas no seu convívio familiar e social (NASCIMENTO; VIEIRA, 2011).

As reflexões e discussões sobre a temática “criança/ infância”, muitas vezes foi deixado para as ciências da Psicologia e da Educação, contudo, alguns pesquisadores da Antropologia, vem oportunizando significativos debates sobre o protagonismo social da criança. Na obra, “Antropologia da criança”, Cohn (2005) nos leva a refletir sobre a possibilidade de ressignificar e reinterpretar o papel da criança e interpretá-la não somente como uma criança, no sentido homogêneo de infância, mas sim, como um sujeito histórico e social, com particularidades culturais específicas, que precisam ser respeitadas. A autora nos afirma que é preciso promover a comunicação entre o mundo do adulto e o mundo da criança, tendo em vista que, na nossa sociedade, estes dois mundos são descontínuos. As proposições infantis, por absurdas que possam parecer, têm muito a ensinar ao adulto.

Considerando que os interlocutores da pesquisa, são estudantes com diferentes características socioculturais, pensamos ser de fundamental importância fundamentar teoricamente a pesquisa, na interculturalidade crítica, na qual compreende a “cultura”,

enquanto construções sociais, que vão além do contato entre grupos com diferentes modos de viver.

Ramos e Knapp (2013), Lima (2014), Tubino (2004) Walshs (2009), dentre outros, corroboram para a distinção entre a interculturalidade funcional e a interculturalidade crítica. A interculturalidade funcional refere-se a um instrumento de dominação de uma cultura sob a outra, é adotada no discurso politicamente correto sustentando assim os resquícios coloniais, enquanto que a interculturalidade crítica, é compreendida como um ato político de descolonização e transformação em busca de novas perspectivas e transformação da realidade social

4 | A APRENDIZAGEM E DA INTERAÇÃO DAS CRIANÇAS INDÍGENAS NO CONTEXTO ESCOLAR NÃO INDÍGENA

A partir da realização da pesquisa, constatou-se que o contato das crianças indígenas com um ambiente escolar, cuja cultura é diferenciada da sua, influencia tanto na sua interação quanto na sua aprendizagem. Neste sentido apontamos situações presenciadas no cotidiano escolar, que sustentam as nossas constatações, após a realização do trabalho etnográfico.

Em relação ao processo de ensino e aprendizagem, evidenciou-se que os professores explicavam as atividades de forma generalizada e frente às suas explicações, geralmente os estudantes indígenas se mantinham em silêncio, não demonstravam se estavam compreendendo, ou não, os conteúdos trabalhados. Em algumas salas de aulas, observou-se que mesmo quando os professores percebiam que os estudantes indígenas não estavam fazendo as atividades, eles não realizavam intervenções pedagógicas, de forma individual, aos estudantes indígenas, apenas perguntavam: você já terminou? Não vai fazer? Diante disto, as crianças indígenas continuavam em silêncio, olhando para os professores.

A reprodução de formas tradicionais de difusão de conteúdo e de metodologias de ensino, ficou bastante explícitos, na organização e no desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem na escola. Na transmissão do conhecimento, prioriza-se a explicação verbal do professor e a cópia de conteúdos da lousa ou do livro didático.

Em relação à avaliação do processo de ensino e aprendizagem, são priorizadas a avaliação escrita, onde é atribuído “notas” aos estudantes, de acordo com o seu “suposto” conhecimento.

Em todas as salas de aulas observadas, a maioria dos estudantes indígenas, se mantinham sempre em silêncio, sentavam isolados, não participavam das conversas ou questionamentos suscitados em relação aos conteúdos trabalhados. Não conversavam muito com os demais estudantes não indígenas. Muitas vezes os professores questionavam se eles haviam compreendido as explicações e mesmo diante dos questionamentos dos

professores, os estudantes indígenas apenas balançavam a cabeça indicando “sim” ou “não” e mantinham-se sentados em suas carteiras, até que os professores fossem até lá para lhe ajudarem nas atividades e se isto não acontecesse, os estudantes indígenas não concluíam as atividades propostas. Os professores demonstravam estar acostumados com o jeito dos estudantes indígenas se comportarem em sala de aula, ou seja, o seu silenciamento parecia ser algo natural. Diante desta realidade, faz-se uma indagação: Como formar estudantes autônomos e críticos, quando inseridos num espaço escolar com práticas opressoras e autoritárias?

Concluímos a partir da pesquisa que, para os estudantes indígenas, a organização escolar e as metodologias de ensino aplicadas, tem grande influência no seu processo de ensino e aprendizagem, sendo um dos fatores que implicam na reprovação e na evasão escolar dos estudantes indígenas.

As dificuldades enfrentadas pelas famílias indígenas para manterem seus filhos em escolas não indígenas são muitas, porém evidenciou-se que muitas famílias, optam em matricular as crianças em escolas fora das aldeias, por acreditarem que o “ensino” nas escolas não indígenas, é melhor, tendo em vista que as crianças irão aprender a “língua portuguesa” e com isto, futuramente, terão condições e oportunidades de ingressarem no mercado de trabalho ou na universidade.

Em relação à interação, a partir das atividades realizadas no pátio da escola, foi possível interpretar as teias de relações estabelecidas entre os estudantes indígenas e não indígenas, principalmente quando eles estavam distantes dos “olhares dos professores”, como acontecia nas salas de aulas. Interpretamos que a socialização entre os estudantes indígenas e não indígenas, quando estão em espaços livres, como no pátio, no momento do recreio, é bastante diferente do comportamento que eles têm, quando estão em “espaços fechados”, como nas salas de aulas ou em outros espaços destinados à realização de atividades sistematizadas ou dirigidas.

Os estudantes indígenas, fora das salas de aulas, demonstravam estar bastante à vontade para realizar diferentes atividades lúdicas. Eles brincavam em diferentes grupos. As brincadeiras preferidas por eles, eram brincadeiras de correr como: pega-pega, cola-cola, barata, jogar bola e subir em árvores e ficar “pendurados” com os pés nas árvores e a cabeça para baixo. Estamos convictos de que os estudantes indígenas, frente as brincadeiras escolhidas, expressavam de forma natural, no contexto escolar, elementos da sua cultura e do seu modo de viver.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

As implicações frente ao processo de ensino e aprendizagem dos estudantes indígenas, estão relacionadas aos fatores socioculturais por eles vivenciados, assim como, às práticas pedagógicas contempladas na escola.

As metodologias de ensino trabalhadas pela maioria dos professores, não contemplam às particularidades culturais dos estudantes indígenas frente as suas dificuldades de aprendizagem.

Observou-se que a questão da “língua” é um dos fatores que implicam na aprendizagem das crianças indígenas, tendo em vista que, antes de iniciarem a vida escolar, em suas famílias e na sua comunidade, as crianças indígenas se comunicam através da língua materna e quando chegam na escola, não tem a compreensão total da língua portuguesa.

Neste sentido, os “termos” utilizados pelos professores nas explicações dos conteúdos, ou contidos nos enunciados dos livros didáticos, muitas vezes não eram compreendidos pelos estudantes indígenas, porque são termos desconhecidos na sua língua materna.

As dificuldades socioculturais vivenciadas pelos estudantes indígenas, como, a distância percorrida de suas moradias até à escola, é outro fator que interfere no processo de ensino e aprendizagem.

Por não ter ônibus coletivo circulando no trajeto que liga as aldeias até à zona urbana, as famílias indígenas se utilizam principalmente de bicicletas, de carroças ou vão a pé, de suas moradias, até à escola, quando chove, os estudantes indígenas faltam nas aulas diversos dias seguidos. Desta forma são prejudicados na aprendizagem, pelo fato de não terem como ir à escola nos dias chuvosos, por viverem em local de difícil acesso.

Em diversos espaços da escola, exteriores às salas de aulas, observou-se que os estudantes indígenas e não indígenas realizavam diferentes atividades lúdicas, de forma prazerosa. As atividades escolhidas e as regras estabelecidas eram aceitas por todos os estudantes, tranquilamente, eles interagem muito bem, sem brigas, ofensas verbais ou qualquer outra forma de violência simbólica ou física.

REFERÊNCIAS

BENEDETTI, L. A. L. Informação e Comunicação: desafios para o cenário indígena ou a descoberta do “admirável mundo novo”. *In*: Maria Ceres Pereira. (Org.). **Tetã-Guarani: pelos campos sul do Mato Grosso do Sul**. Campo Grande: Life, 2013, v. 1, p. 149-178.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade (Tratado de sociologia do conhecimento)**. 7ª.ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

CANDAU, V. M. F. Sociedade, cotidiano escolar e cultura (s): uma aproximação. **Educação & Sociedade**, v. 23, n. 79, p. 125-161, 2002.

COHN, C. **Antropologia da criança**. Zahar. 2005. 59p

DE OLIVEIRA, T. S. Olhares que fazem a” diferença”: o índio em livros didáticos e outros artefatos culturais. **Revista Brasileira de Educação**. n. 22, p. 25-34, 2003.

KRAMER, S. As crianças de 0 a 6 anos nas políticas educacionais no Brasil: educação infantil e/é fundamental. **Educação e Sociedade**, v. 27, n. 96, p. 797-818, 2006.

LIMA, S. DAS G. DE. **Antropologia e educação: Uma etnografia da participação de alunoss indígenas nas escolas públicas da cidade de Dourados**. 2014. 154 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2014.

MÉLIA, B. **Educación indígena y alfabetización. Asunción: Centro de Estudios Paraguayos “Antonio Guasch”**. 2008.

NASCIMENTO, A. C.; VIEIRA, C. M. N. A escola indígena Guarani e Kaiowá em Mato Grosso do Sul: Experiência emancipatória de educação indígena. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26., 2011, São Paulo - Sp. **Anais [...]**. São Paulo - SP: ANPUH, 2011. p. 1 - 11.

RAMOS, A. D.; KNAPP, C. Para uma interculturalidade efetiva: um diálogo a partir dos estudos descoloniais. *In*: TEDESCHI, L. A. (Org.). **Leituras de gênero e interculturalidade**. Dourados: UFGD, 2013. p. 523-543.

TUBINO, F. (2004). Del interculturalismo funcional al interculturalismo crítico. *Rostros y fronteras de la identidad*, 158.

WALSH, C. Interculturalidade crítica e educação intercultural. *In*: **Conferência apresentada no Seminário “Interculturalidad y Educación Intercultural”, Instituto Internacional de Integración del Convenio Andrés Bello, La Paz**. 2009.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Autonomia 1, 2, 4, 5, 6, 7, 11, 46, 49, 50, 52, 55, 60, 68, 79, 82, 83, 84, 93, 94, 102, 126, 135, 168, 169, 189, 204, 205, 209, 211

Avaliação 8, 32, 33, 34, 47, 52, 57, 61, 76, 77, 80, 84, 103, 112, 118, 162, 168, 198, 200, 204, 205, 209, 229, 264, 270

C

Ciências Humanas 1, 21, 56, 68, 96, 149, 155, 227, 233, 258

E

Educação 1, 2, 3, 6, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 27, 28, 29, 30, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 62, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 76, 77, 78, 81, 82, 83, 84, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 101, 102, 105, 106, 107, 109, 111, 113, 118, 120, 123, 124, 126, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 147, 148, 149, 163, 165, 168, 169, 171, 172, 173, 174, 175, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 193, 195, 196, 198, 199, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 209, 210, 211, 234, 271

Educação ambiental 77, 78, 81

Educação bilíngue 179, 181, 182, 183, 185, 186, 187, 188, 189

Educação Infantil 69, 71, 72, 77, 78, 82, 83, 84, 93, 95, 105, 204

Educação Profissional 64, 67, 141

Ensino Fundamental 57, 60, 69, 71, 72, 96, 98, 99, 120, 121, 122, 129, 135, 136, 192, 204, 271

Estado 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 32, 33, 34, 40, 41, 65, 66, 69, 92, 111, 113, 117, 118, 130, 133, 162, 167, 183, 214, 215, 216, 218, 220, 221, 226, 227, 237, 249, 258, 271

Estágio Supervisionado 77, 78, 190, 191, 192, 193, 197, 198

F

Formação 8, 15, 17, 28, 29, 39, 40, 55, 59, 64, 71, 75, 76, 77, 78, 81, 83, 84, 94, 95, 101, 109, 110, 116, 117, 122, 124, 130, 135, 137, 138, 139, 140, 143, 146, 150, 151, 153, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 166, 167, 175, 176, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 211, 212, 213, 214, 216, 217, 224, 233, 234, 236, 242, 244, 252, 271

Formação Docente 64, 77, 179, 181, 182, 183, 186, 187, 188, 189, 191, 198, 199, 202, 207

I

Identidade Regional 213, 214, 224, 225

Indígena 9, 4, 5, 6, 7, 10, 11, 12, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 117, 118, 241

J

Jogos 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 99

L

Legislação 14, 17, 102, 179, 182, 261

Livro Didático 9, 103, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 115, 116, 117, 118, 122

M

Metodologias 30, 31, 32, 33, 34, 35, 37, 64, 99, 103, 104, 105, 123, 127, 200, 269

Monitoria 31, 32, 34, 35, 199, 200, 201, 203, 204, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212

P

Políticas Públicas 11, 14, 15, 26, 28, 72, 133, 181, 271

Prática 4, 7, 16, 17, 18, 24, 33, 57, 65, 69, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 94, 101, 102, 121, 125, 126, 127, 130, 135, 139, 142, 143, 144, 150, 152, 155, 156, 158, 163, 165, 182, 183, 185, 186, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 224, 241, 244, 252, 271

Processo ensino-aprendizagem 30, 202

Profano 234, 238, 240, 243, 244, 245, 256, 257, 258

R

Religião 100, 232, 246, 248, 252, 253, 257, 258, 271

Religiosidade 247, 248, 250, 253, 258

Rito 226, 227, 228, 229, 230, 232, 243, 256

S

Sagrado 228, 231, 232, 234, 237, 238, 240, 243, 244, 255, 256, 257, 258

Sequência 42, 85, 115, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 127, 129, 130, 131, 136

Subjetividade 75, 152, 154, 155, 168

Surdos 179, 180, 181, 182, 183, 185, 186, 187, 188, 251

T

teoria 16, 21, 39, 44, 45, 46, 50, 51, 52, 66, 67, 75, 79, 82, 137, 139, 142, 148, 152, 156, 183, 190, 192, 193, 194, 196, 197, 198, 200, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 212

Teoria 37, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 54, 57, 135, 158, 271

U

Universidade 6, 11, 12, 14, 21, 29, 30, 32, 34, 35, 55, 56, 57, 64, 67, 69, 77, 96, 104, 106, 107, 113, 118, 120, 134, 135, 137, 138, 140, 141, 142, 143, 146, 147, 148, 149, 150, 159, 161, 162, 163, 165, 166, 167, 168, 169, 179, 190, 192, 199, 200, 207, 211, 213, 224, 233, 234, 246, 247, 258, 260, 271

